

# As habitações de Miróbriga e os ritos domésticos romanos\*

MARIA FILOMENA BARATA

**R E S U M O** Pretende-se com este artigo apresentar uma reflexão sobre as habitações conhecidas de Miróbriga, fruto de anteriores escavações, e das que têm sido escavadas mais recentemente, de forma a contribuir para uma reanálise do aglomerado urbano a que, durante anos, foi conferida uma função de "Santuário Rural". Faz-se ainda uma abordagem aos rituais domésticos associados às mesmas e ao significado votivo das oferendas enterradas que se encontram em Miróbriga.

**A B S T R A C T** This article attempts to be a reflection upon the known houses of Miróbriga, those from early excavations and those that have been excavated more recently, in order to contribute to a reanalysis of the urban nucleus which, for years, has been conferred the function of "Rural Sanctuary". This is also a discussion of the domestic rituals associated with these houses and to the votive significance of the buried offerings that are found in Miróbriga.

Ao debruçarmo-nos sobre as habitações conhecidas de Miróbriga, fruto de anteriores escavações, e ao darmos notícia das que têm sido escavadas mais recentemente e dos rituais domésticos associados às mesmas, gostaríamos de retomar a reanálise do aglomerado urbano a que, durante anos, foi conferida uma função de "Santuário Rural" (Almeida, 1964, p.30).

D. Fernando de Almeida fundamentava a sua opinião na concentração de templos nesse *oppidum* romanizado e no desconhecimento de zonas habitacionais que comprovassem a existência de uma grande população fixa. O conceito de santuário rural remetia à ideia de um local fundamentalmente destinado a peregrinações, sendo mesmo algumas das suas infra-estruturas justificadas apenas como local de distração dos peregrinos. A sacralidade sustentava, portanto, a importância do local, conferindo-lhe de *per se* uma excelência no contexto nacional.

A equipa luso-americana, que escavou em Miróbriga na década de 80, se bem que admitindo a ideia de se tratar de uma cidade com as características comuns às provinciais, coloca, contudo, a tónica, na sacralização do local, que, já em período pré-romano, distinguiria o aglomerado, atribuindo mesmo a uma das construções de forma inicialmente quadrangular a função de um templo da II Idade do Ferro, datado do século IV a.C. (Soren, 1982, p. 40, 1983, p. 54).

Numa última fase, datável de cerca de 100 a. C., o templo teria sido reedificado, sendo dotado de *pronaos*, *cella* e *temenos*, correspondendo a esta fase o "depósito votivo" a que seguidamente faremos referência.

As plantas do edifício, de diferentes épocas, e o espólio arqueológico aí exumado, nomeadamente o aparecimento de duas malgas invertidas de cerâmica, uma delas contendo ossos de pássaro, teriam feito chegar a tal conclusão (Soren, 1982, p. 41, 1983, p. 54, 55, 66).

No entanto, e tendo em atenção as escavações recentemente efectuadas em Miróbriga, gostaríamos de salientar que a malga com ossos que serviu como um dos "suportes arqueológicos" que permitiu, pelas características de oferenda votiva, atribuir a designação de "templo" à última fase da construção da II Idade do Ferro, poderá não corresponder linearmente à existência de uma construção de "função sagrada". Poderá tratar-se apenas de uma edificação que foi sacralizada num determinado momento, como se pode concluir através do aparecimento de espólio de carácter votivo ou fundacional noutras áreas do aglomerado urbano (Barata, 1999).

Para especificar esta ideia, gostaríamos de referir que em recentes escavações promovidas em Miróbriga, na "zona habitacional", apareceu, ao nível da fundação de duas construções romanas, enterrada no afloramento xistoso de base, uma tigela ou *patella* invertida contendo no seu interior ossos de pássaro que pensamos poder tratar-se também de um ritual fundacional. Numa outra área, cuja escavação se terminou ainda no corrente ano, uma outra tigela, também invertida, mas sem depósito votivo no seu interior e vários fragmentos enterrados de pratos/frigideiras e de uma terrina poderão indiciar uma intencionalidade ritual.

Para este tipo de tigela ou *patella* de calote esférica recentemente encontrada em Miróbriga existem inúmeros paralelos, podendo referir os espécimes provenientes de necrópoles romanas do Alto Alentejo, publicadas por Jeannette Nolen sob a designação de taças ou malgas (Dias et al., 1981, p. 147 (D7- 2); Nolen, 1985 p. 100), o de Conimbriga, publicado nas *Fouilles* com o número 979 (Alarcão, 1975, V, p. 121) e os da necrópole de Gulpilhares, publicados com os números 35 e 36 (Lobato, 1995, p. 44).

Aparecidos também em Miróbriga são dois exemplares de características muito semelhantes e que se encontram em depósito no Museu Municipal de Santiago do Cacém.

Leite de Vasconcelos dá-nos notícia de "uma tigela de barro grosseiro, cuja forma é o protótipo das nossas Malgas" (Vasconcelos, 1914, p. 318 e Fig. 44), encontrada nas proximidades de Miróbriga, que aparenta semelhanças com a taça exumada nas escavações de 1995.

## 1. As habitações identificadas em antigas escavações

Pelas características peculiares do urbanismo de Miróbriga, não é possível visualizar qualquer resquício de uma malha urbana definida por eixos viários principais — *cardo* e *decumanus*, como é comum nas fundações latinas de plano ortogonal. No entanto, os arruamentos conhecidos, de características homogêneas em todo o aglomerado, pois são construídos com grandes lajes assentes directamente no solo, medindo 10-11 pés de largura, permitem-nos delinear o espaço ocupado por algumas das *insulae* da cidade onde se instalam *aedificia privata* e definir os percursos de acesso a alguns dos seus núcleos polarizadores, como é o caso das *opera publica* conhecidas em Miróbriga — *forum* e *balnea*.

Ao longo dessas calçadas e entre elas desenvolviam-se os quarteirões onde se implantavam as áreas comerciais e habitacionais.

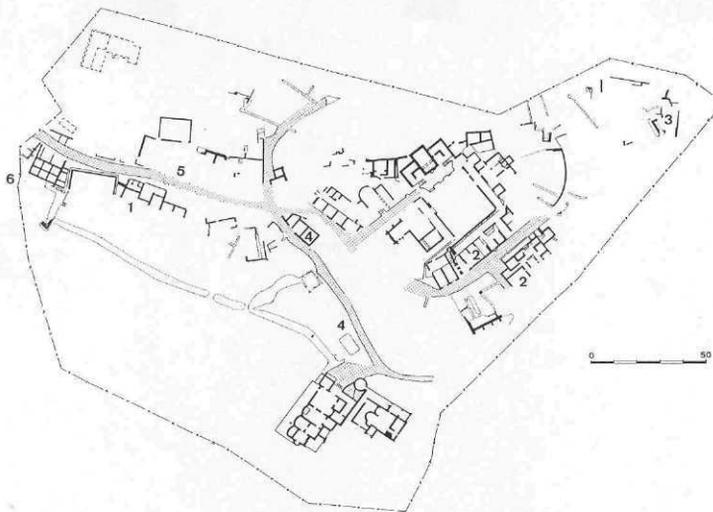


Fig. 1. Planta geral de Miróbriga.

A maioria desses quarteirões, parcialmente postos a descoberto por D. Fernando de Almeida, que abriu várias valas de sondagem ao longo de Miróbriga, estão pouco clarificados, como acontece em torno do *forum* e na zona por onde se faz a entrada actual nas ruínas.

Se bem que mal conhecidas, algumas das construções que se desenvolvem, quer a Oeste, quer a Este do centro cívico permitem-nos admitir, contudo, que aí existiria uma zona comercial e habitacional.

No declive a Sul do *forum* e numa das calçadas que o circunda pelo lado noroeste parece ser óbvia a associação das actividades comerciais à arquitectura doméstica, porque é clara a existência de mais do que um piso, admitindo-se que o primeiro andar pudesse funcionar como habitação.

Dos restantes edifícios também classificados, pelas suas características, como *tabernae* — como é o caso dos que se desenvolvem do lado norte da calçada que desce em direcção às termas — poucas ilações se conseguem tirar, porque apenas são visíveis os vestígios de muros de compartimentos unicelulares, sem aparente ligação. No entanto, as características da sua planta — na sua maioria, um só compartimento ocupa o piso térreo — e das soleiras da porta — onde não são visíveis encaixes para as portas, mas apenas uma ranhura ao longo de toda a soleira — permite admitir que as *tabernae* seriam fechadas por tapumes de madeira móveis que se fixam às soleiras das portas, a exemplo dos *Termopolia* de Herculano (Adam, 1989, p. 345-346; Naveiro e Pérez, 1997, p. 12).

Uma outra edificação de que há apenas existe uma pequena referência publicada (Biers, 1988, p. 24) e que foi apenas parcialmente escavada pela equipa luso-americana a nordeste do *forum* desenvolvia-se em torno de um *atrium*. Esse átrio e a existência de colunas que delimitam uma zona porticada fazem-nos aceitar a possibilidade de se tratar também de uma habitação.

Um outro núcleo de construções, localizadas junto às termas, foram publicadas por Maria de Lurdes Costa Arthur (Arthur, 1983), na década de 40, como tratando-se de habitações, estando actualmente, na sua maioria, de novo soterradas. No entanto, ao longo do troço de calçada que se dirige às termas, são visíveis de um lado *tabernae* e, do outro, restos de soleiras de portas e vestígios de muros alinhados que indiciam a existência de várias edificações.

Esta investigadora admitia a fundação céltica do aglomerado que teria sido ocupado até ao século IV, quando foi possivelmente destruída por um incêndio (Arthur, 1983, p. 108 e 109).

Também de um lado e do outro da calçada que se encontra logo à entrada actual das ruínas, são visíveis várias *insulae*, que parecem ter tido uma ocupação sucessiva entre os séculos I d.C. e o século IV d.C. (Caeiro, 1985, p.129).

Das escavações coordenadas por José Olivio Caeiro, nos anos 80, nessa área e na área limítrofe à capela de S. Brás, apenas existe uma pequena notícia (Caeiro, 1985, p. 128-129), tendo sido somente algumas das pinturas a fresco objecto de publicação pela equipa de Missouri, situação essa que dificulta a contextualização dos vestígios.

Contudo, é claro que aí uma ampla calçada é estruturante de uma extensa área habitacional que se desenvolve, quer para Norte, quer para Sul da mesma, sendo visíveis as respectivas condutas dos esgotos em *opus incertum* pavimentadas com *lateres*.

Do lado sul constata-se que as múltiplas casas se adaptam à pendente e que os desníveis são vencidos através de grandes escadas que permitiam o acesso pedonal a essa via. Muito possivelmente, numa zona mais baixa do casario, se desenvolveria uma outra via que poderia fazer a ligação, mais a sul, às termas.

Apesar do conhecimento incipiente das zonas habitacionais existentes nessa área, pode-se verificar que as *insulae* dessa zona são de métricas diferentes, em função das ruas e acessos públicos, variando entre 25 a 30 m<sup>2</sup>. As escadarias que se desenvolvem a Sul desta delimitam claramente *insulae*, em torno das quais se pode ainda ver o respectivo sistema de esgotos.

A sua organização adapta-se perfeitamente à topografia do sítio, implantando-se o casario em plataformas artificiais, que desde o ponto mais alto, onde se sobreporá no século XVI a Capela de S. Brás, a Norte da via, até à zona mais baixa, a Sul da mesma, formam como terraços.

A Este desta construção, ao longo da via, quer do lado norte, quer do sul da mesma, são visíveis vários muros dispersos, devendo tratar-se de habitações. No entanto, como todos eles foram postos a descoberto em anteriores trabalhos arqueológicos, através de valas abertas paralelamente aos mesmos, nada se pode concluir, porque nenhuma planta foi integralmente clarificada. A equipa luso-americana admitia a hipótese de uma das estruturas — localizada junto do local onde a via bifurca para as termas — poder ser identificada como um pequeno templo, atendendo às suas fundações (Biers et al., 1988, p. 13). Efectivamente essa construção, localizada junto a um talude, apresenta muros de grossura superior à que é comumente utilizada na arquitectura doméstica, mas o desconhecimento em relação à sua planta não nos permite avançar qualquer hipótese quanto à sua funcionalidade.

Na maioria das construções identificadas como *tabernae*, os pavimentos são de *opus signinum*, como acontece nas edificações junto à calçada que se dirige às termas, e nas zonas comerciais circundantes do *forum*.

A mesma situação verifica-se em algumas das construções da “zona habitacional” a que nos referimos, a sul da via por onde se faz a actual entrada das ruínas, mais concretamente no compartimento decorado com estuques pintados a fresco, onde o pavimento está praticamente intacto. No entanto, em muitas delas não é visível qualquer vestígio do mesmo, admitindo-se que, em alguns casos, fosse de madeira.

## 2. As áreas recentemente escavadas: a *domus* localizada na zona limítrofe da capela de S. Brás e as construções a noroeste do núcleo urbano

Na zona limítrofe da Capela de S. Brás, do lado norte da via por onde actualmente se faz a entrada nas ruínas de Miróbriga, iniciámos em 1996 uma escavação numa área que já havia sido parcialmente assinalada pela equipa luso-americana, e que veio a revelar a existência de uma *domus*.

Essa extensa construção, da qual foram postos a descoberto cerca de 300 m<sup>2</sup>, compreendidos entre P= 0 a 30N e M=120,5 a 137 W (as coordenadas têm como ponto gerador um ponto implantado pela equipa luso-americana no *podium* do templo do *forum*) cuja escavação deverá ser terminada a curto prazo, apresenta uma entrada para a via e a planta dos seus compartimentos desenvolve-se para Norte, em torno de um átrio.

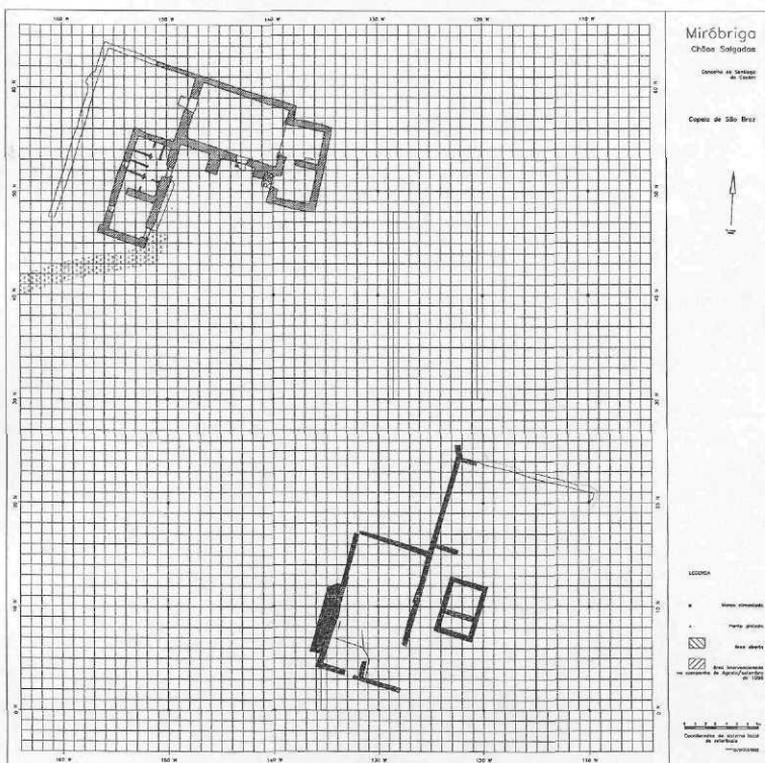


Fig. 2 *Domus* com átrio central localizada na área limítrofe à Capela de S. Brás.



Fig. 3 Domus com átrio central localizada na área limítrofe à Capela de S. Brás.

Este átrio tinha uma zona coberta possivelmente porticada, como o comprovam a concentração de telhas no local e os entalhes regulares definidos no afloramento xistoso, que deveriam servir para apoiar o telhado. O pavimento da zona circundante do átrio era revestido a *opus signinum*, ainda visível em alguns pontos. Na zona central, a céu aberto, subdividida num segundo momento da ocupação da casa, poderia ter existido uma pequena zona ajardinada.

Por seu lado, os pavimentos das salas que se desenvolvem em seu redor deveriam ser feitos com traves de madeira, pois não existe qualquer vestígio de revestimento e o afloramento xistoso é bastante irregular, o que aliás é comum a algumas das residências localizadas nesta área. A evidência de vários orifícios circulares escavados no xisto, no interior de alguns compartimentos da residência que escavámos, assemelhando-se a “buracos de poste”, mas distribuídos sem qualquer aparente regularidade, contribuem para colocar esta hipótese, se bem se possa admitir uma outra funcionalidade para os mesmos.

Numa destas concavidades estava perfeitamente conservada, no compartimento localizado à entrada da casa, ao nível da rocha de base, que havia sido escavada propositadamente para o efeito, uma tigela ou *patella* invertida, contendo no seu interior ossos de galinha, que pensamos, como acima referido, poder tratar-se de um ritual fundacional. A tigela invertida tinha em seu redor fragmentos de cerâmica que aí foram colocados intencionalmente para calçar e proteger a peça e, por cima, tinha terra.

Também nesse compartimento paralelo à calçada, e que possivelmente se trataria de uma oficina de metalurgia, até porque se detectou uma grande concentração de escória de ferro, foi posto a descoberto, por cima do afloramento xistoso, um sistema de drenagem construída com *imbrices* encaixados uns nos outros, que escoava para a rua. Essa drenagem passava por debaixo

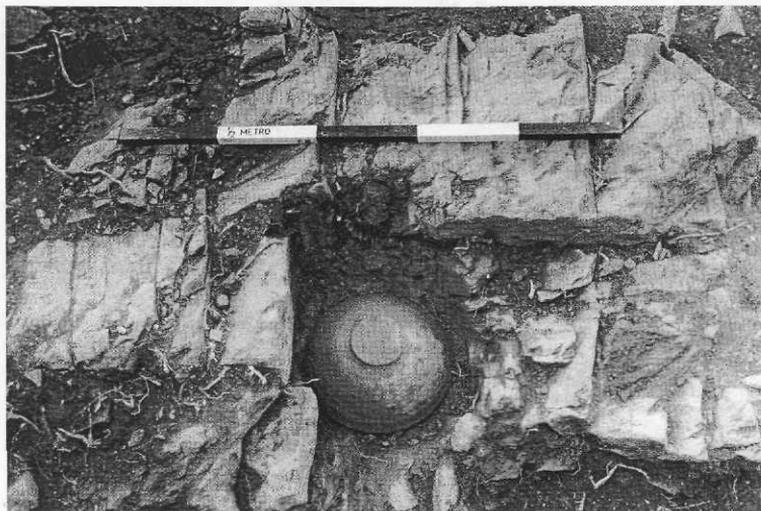
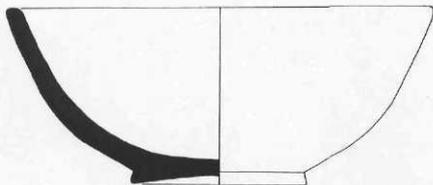


Fig. 4 e 5 Fotografia e desenho de tigela.



de um dos muros que definem o limite da casa, junto à soleira da porta de entrada. Uma situação similar, se bem que bastante mais complexa, foi detectada nas construções cuja escavação terminou recentemente, a que nos referiremos neste trabalho.

Em alguns dos compartimentos centrais desta construção são visíveis estuques, mas não foram identificados quaisquer indícios de pinturas a fresco, até porque a casa se encontra praticamente ao nível das fundações.

A única excepção trata-se de alguns muros mais altos construídos em *opus incertum*, no limite oeste da mesma.

A atender-se aos poucos vestígios de derrube das construções (ao contrário do que acontece com os materiais de construção cerâmicos dos telhados — *imbrices* e *tegulae*), pode deduzir-se que as pedras devem ter sido roubadas e reutilizadas, situação essa bastante comum em Miróbriga, fundamentalmente nos locais em que o acesso era mais fácil, como os que se localizam nos pontos mais altos, junto à actual entrada. Nas construções recentemente escavadas pude-

mos confirmar esta hipótese, havendo mesmo casos onde apenas restaram os negativos dos muros.

Ainda atendendo aos escassos muros que se conservam com uma maior altura, nada nos permite concluir que pudessem os restantes ter sido edificados em adobe ou taipa.

Esta *domus* poderia ter tido dois pisos, porque se adossou, do lado oeste, uma escada, que deveria dar também serventia às construções que se desenvolvem num plano mais elevado, a Noroeste da habitação. Dessas edificações foram já postos a descoberto alguns muros, cujas fundações são ligeiramente enterradas no afloramento xistoso, que foi escavado para permitir uma maior estabilidade ao edifício. Também aqui muitos deles se encontram somente ao nível da fundação.

Entre a calçada, que se desenvolve a Sul, e a soleira da porta de entrada da "construção de átrio" que escavámos, existe um pavimento em *opus signinum*, desaparecido em grande parte, que permitia um acesso mais confortável e higiénico à mesma. É junto a esta zona que desaguvavam as águas drenadas pela conduta de *imbrices* anteriormente referida.

Se bem que tenha sido encontrado um numisma republicano, a maioria dos materiais arqueológicos provenientes desta construção apontam para uma ocupação que vai do século I à segunda metade do século V d.C.

Algumas das *terra sigillata* mais tardias aqui encontradas serão publicadas neste mesmo número por José Carlos Quaresma.

A escavação na íntegra desta casa e das adjacentes é fundamental, pois só ela permitirá a compreensão de uma *insula* de Miróbriga.

É, no entanto, de salientar que a planta desta habitação já parcialmente escavada é paralela à da capela de S. Brás, edificada, a Noroeste, ao lado e sobre estruturas romanas, devendo pertencer ao mesmo programa urbanístico.

Os restos de uma casa romana, escavada por José Olivio Caeiro nos anos 80, e que são ainda visíveis junto à capela, pertenceriam, portanto, a um conjunto residencial mais vasto que se estendia do lado norte da calçada, adaptando-se ao declive natural do terreno (v. Fig. 2).

Numa área recentemente adquirida, a Oeste da actual entrada de Miróbriga, iniciaram-se, em 1997, trabalhos arqueológicos<sup>2</sup>, tendo sido inicialmente feitas algumas sondagens para averiguar da possibilidade de aí ser construído o "Núcleo Interpretativo". À superfície foi encontrada uma moeda de Marco Aurélio e, já pertencente a um nível arqueológico bem selado, de fundação de algumas construções, foi encontrado um outro, cunhado em Mérida no reinado de Augusto.

Esta zona que ocupa aproximadamente 2500 m<sup>2</sup>, cujos limites se situam nas seguintes coordenadas P=8N a 52 Sul e M= 185 W a 230 W, acabou por ser escavada em área.

Se bem que grande parte da área escavada se tenha vindo a manifestar estéril do ponto de vista arqueológico, é um facto que nessa zona foram implantadas duas construções que nos parecem estar articuladas com a "área residencial", pois obedecem praticamente à mesma orientação das casas localizadas na área limítrofe da capela de S. Brás.

Entre estas zonas deveria haver uma outra calçada que, embora não seja visível nas proximidades da área escavada, é um facto que dela restam ainda algumas lajes, junto ao caminho de terra batida, por onde se acede pelo lado poente das ruínas à zona adjacente às termas.

Na zona limítrofe de uma dessas construções, cuja escavação está praticamente terminada, detectou-se uma enorme concentração de escória, associada a uma terra barrenta que foi sujeita a alta temperatura, porque se encontra cozida, como se de terracota se tratasse. Deveria tratar-se, também, de uma zona onde existiam *ateliers* metalúrgicos.

De salientar que já Cruz e Silva havia referido a existência de fornos siderúrgicos de grandes dimensões: 2,30 m de diâmetro e 4,60 m de altura (*Album Alentejano*, p. 1057) em Miróbriga, se bem que não tenhamos elementos que nos permitam localizá-los.

Uma das edificações escavadas na zona a que nos vimos a referir, a localizada mais a Sul, tem uma planta cujos compartimentos se parecem organizar em torno de uma área com uma centralidade funcional, pois por ela se acede a outras zonas da casa.

Nesse compartimento central que se situa encostado ao limite oeste da construção, surgiram lajes calcárias alinhadas, localizadas apenas junto aos muros, parecendo tapar um sistema de canalização ou drenagem de águas.

Para a construção da casa, edificada em *opus incertum*, foram feitas fundações escavadas no afloramento xistoso.

Do lado poente, para permitir a impermeabilização da construção, pois ela é implantada numa zona de grande pendente, o muro limite foi revestido na sua zona mais baixa por uma camada oblíqua de *opus signinum*. Esta situação é também comum a outras edificações de Miróbriga, como acontece bem próximo na construção localizada mais a Norte, também recentemente escavada e na entrada dos *Balnea*.

Na construção a que acima nos referimos, situada mais a Norte, mais ainda não totalmente escavada, deparámos com uma situação muito complexa no que respeita à interpretação da sua planta. Isto deve-se a vários factores: por um lado, a casa (?) desenvolve-se em paramares diferentes, para vencer a pendente, e, por outro, porque apenas encontramos o negativo de muitos dos seus muros. A potenciar estas dificuldades de interpretação podemos referir a existência de inúmeras valas agrícolas que cortaram longitudinalmente a edificação, danificando estratigrafias, muros e pavimentos.

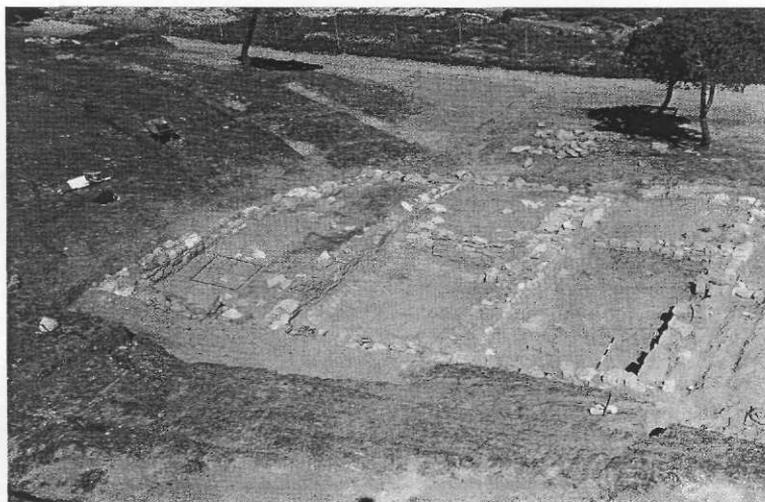


Fig.6 Construção em fase de escavação (Abril de 1999). Nesta fase, as lajes começavam a ser postas a descoberto.



Fig. 7 Construção onde são visíveis os alvéolos no afloramento xistoso.



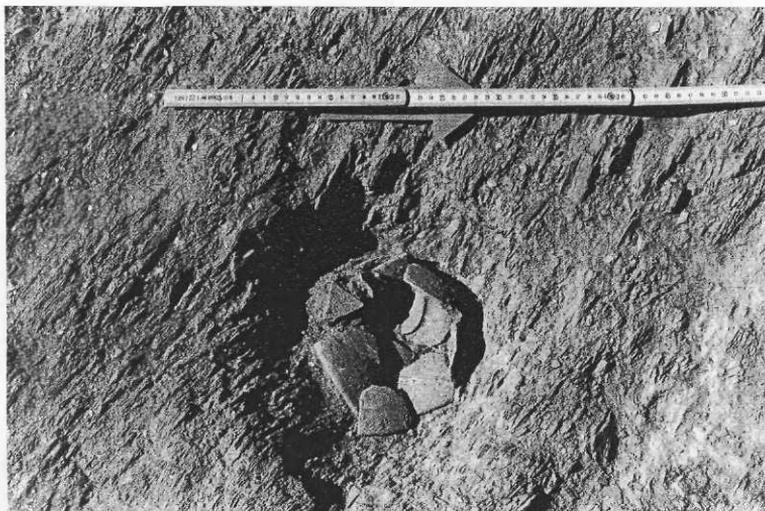
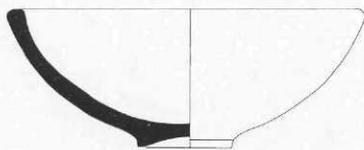
Fig. 8 Alvéolos escavados no xisto no interior de um dos compartimentos da construção em fase terminal de escavação. É também visível a complexa teia de drenagem que se desenvolvia abaixo do pavimento.

Admitimos que em alguns dos compartimentos dessa construção o pavimento deveria ser de madeira, uma vez que a admitir-se que se tratasse de um piso térreo deveria ser notória uma camada de terra compactada, o que não confirmável arqueologicamente.

No entanto, esta situação não é extensiva a todos os compartimentos da construção, uma vez alguns deles são pavimentados com *opus signinum* que, em alguns casos, se sobrepõe ao complexo sistema de drenagem que se desenvolve em toda a área escavada.

Nessa edificação localizada mais a Norte, num compartimento onde não era visível qualquer pavimento, foram encontrados vários alvéolos escavados no xisto, contendo alguns deles cerâmica depositada.

No interior de um deles (a que foi atribuído o complexo n.º 430, localizado nas seguintes coordenadas: P= 0.92 Sul a L.19 Sul e M=214.24 a 214.66W) que se encontrava preenchido por uma terra pouco compacta misturada com grogue, encontrou-se também uma tigela ou *patella* fragmentada (n.º inventário MIR 793.001 a 004), numa deposição invertida, análoga à acima descrita na *domus*. A sua tipologia é também similar à da *domus*, se bem que sem qualquer depósito no seu interior.



Figs. 9 e 10 Fotografia e desenho da tigela.

Relativamente próximo, surgem três alvéolos anexos, contendo terra pouco compacta no seu interior. Num deles (a que foi atribuído o complexo n° 436 da escavação) apareceram depositados, numa posição que se verificava claramente voluntária, vários fragmentos de cerâmica comum, nomeadamente dois bordos de tampa (N° Inventário Mir. 781. 010+014 e Mir. 781.013 - Figs. 11 e 12), um bojo de um recipiente (Mir. 781.015 - Fig. 13), um fundo de uma frigideira<sup>3</sup> que serviu ao fogo (Mir.781.005+011+022 - Fig. 14), vários fragmentos de bojo, bordo e fundo de uma outra, igualmente de fundo plano (Mir. 781.002 a 004; 781.006 a 781.010; 781.012; 781.017 a 020; 781.022 e 023 - Fig. 15); um bordo biselado de tacinha (Mir. 781.021 - Fig. 16). No bordo do alvéolo, numa situação que poderá já deixar dúvidas quanto à intencionalidade de deposição, surgiu um outro bordo de uma taça (Mir. 781.001 - Fig. 17).

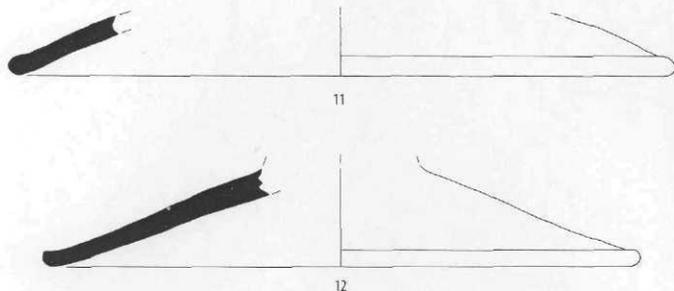
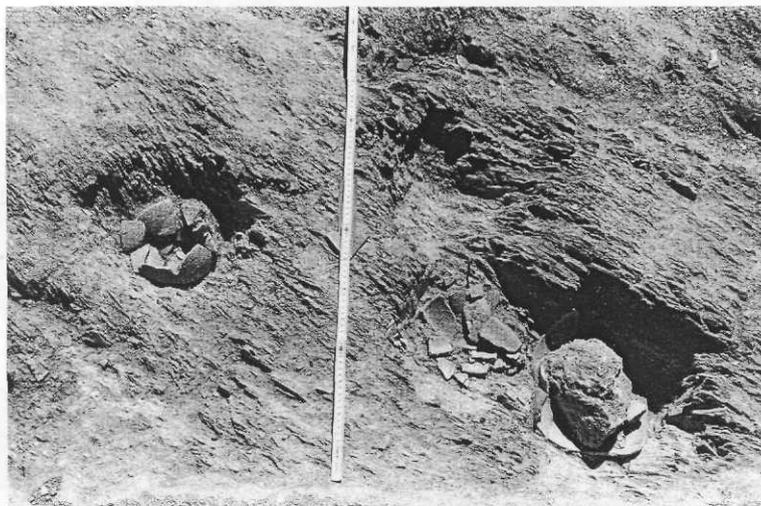


Fig. 11 e 12 Bordos de tampa.



13



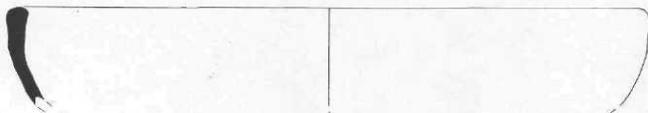
14



15



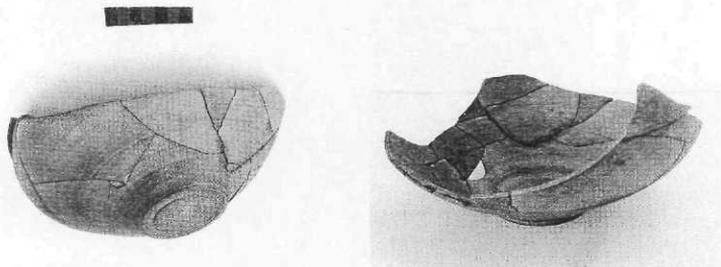
16



17

Fig. 13, 14, 15, 16 e 17 Fragmentos de cerâmica comum.

Num segundo, a que foi atribuído o complexo nº431 da escavação, encontrava-se parte de um recipiente (Mir.794.001 e 002 - Figs. 18 e 19) fragmentado de grandes dimensões em cerâmica comum de excelente qualidade, que possuiria tampa dado o encaixe que apresenta na parte superior do bojo. Este vaso era decorado com duas bandas de *guilochis* e possuía fundo em pé-de-anel pouco acentuado. Ao contrário das anteriormente referidas, esta peça não se encontrava invertida e no seu interior havia um grande bloco de quartzzo.



Figs. 18 e 19 Recipiente de cerâmica comum.

O terceiro alvéolo não possuía qualquer deposição.

Na área central do compartimento existia uma extensa depressão formando um L, também escavada no xisto, com uma profundidade análoga à dos alvéolos, com cerca de 15cm em média, se bem que com funções aparentemente diversas, até porque desemboca numa segunda depressão subjacente a um dreno construído com *imbrices*. Continha uma terra pouco compacta com pequenos restos de cerâmica comum, grogue, um bordo de Drag. 15-17 de Andújar e um pequeno fragmento de vidro. Neste caso, a admitir-se que se trata de uma área funcional, não estamos perante uma deposição intencional, mas de um enchimento posterior à sua possível utilização em articulação com o dreno anteriormente referido (Fig. 20).

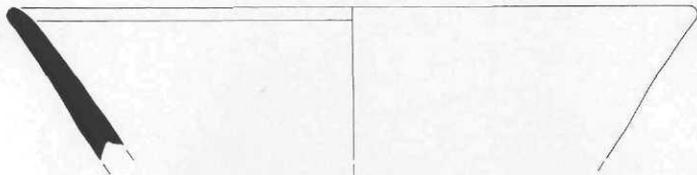


Fig. 20 Bordos de terra sigillata de Andújar.

Admitindo-se esta interpretação, e considerando esta *sigillata* como *terminus post quem* para a desactivação desta “vala”, a utilização deste espaço como área funcional é, portanto, anterior ao século II d.C.

Do que nos foi dado inferir da escavação agora efectuada, e tendo em atenção que a maioria dos materiais dela provenientes ainda não foi pormenorizadamente estudada, podemos, contudo, concluir que a ocupação desta área do *oppidum* romanizado se deverá ter processado desde bastante cedo, não conferindo, portanto, à zona onde foi implantado o *forum* o papel único de polarizador do crescimento de Miróbriga em período de dominação latina.

Para confirmar tal hipótese podemos referir a existência do numisma augustano já anteriormente citado e de alguns fragmentos de cerâmica campaniense encontrados nas zonas limítrofes das construções escavadas.

### 3. O significado votivo das oferendas enterradas

As oferendas enterradas numa fossa (*bóthros*) ou no solo dirigem-se, no universo romano, genericamente ao mundo dos mortos, quer se tratem de divindades infernais, quer de cultos de fundação ou rituais iniciáticos, cuja finalidade é a esperança na ressurreição e na vida eterna.

Os cultos fundacionais, por seu lado, têm como modelo o exemplo do *mundus*, a mítica fossa onde os companheiros de Rómulo, fundadores de Roma, haviam colocado terra dos seus locais de origem e outros bens necessários (Ruiz de Arbulo, 1997, p. 222).

Para situações como as de Miróbriga de oferendas enterradas, pertencentes aos *sacra priuata*, existem inúmeros paralelos, entre os quais citaremos o de Tolegassos, na região das Ampúrias, publicado por Josep Casas e Ruiz de Arbulo, na sua maioria contendo ovos ou galináceos no seu interior.

Se os ovos, que representam a fecundidade ou a força genésica primordial, portanto a própria ideia da vida, da eternidade ou da ressurreição, acabam por pertencer a um dos mais comuns motivos decorativos quer de bens de utilidade doméstica quer de elementos arquitectónicos — os óvulos — ou mesmo em pinturas domésticas, como é o caso dos larários de Pompeios ou de Delos, também a representação de galináceos, se bem que não tão vulgar, é relativamente comum nos utensílios domésticos. Apenas a título de exemplo, é de referir que só no depósito votivo de Santa Bárbara apareceram cinco lucernas com galos a decorar o disco (Maia e Maia, 1997, p. 105).

Também é sobremaneira conhecida a utilização de aves e de galináceos na consulta aos auspícios e em vários sacrifícios rituais religiosos, místéricos, iniciáticos e funerários.

Para a interpretação dos auspícios, a observação dos pássaros em voo e, principalmente em finais da República, a análise do comportamento dos frangos sagrados eram as técnicas mais utilizadas, existindo mesmo um *pullarius* encarregado de observar estes últimos (Scheid, 1991, p. 54 e 65). Nos sacrifícios o galo era consagrado quer aos deuses solares, como Apolo, quer aos lunares. É também o animal de Mercúrio, que, por vezes, é representado cavalgando um galo (Maia e Maia, 1997, p. 105). É a ave votiva típica de Esculápio, sendo comumente sacrificada a essa divindade.

No caso das oferendas enterradas de carácter mais funerário, como é o caso da *patella* invertida de Miróbriga, poderemos admitir que se revestissem de um carácter apotropaico, uma vez que, deste modo, os Romanos tentavam libertar-se da vingança ou maldição dos espíritos irritados dos seus *Manes* (Ruiz de Arbulo, 1991, p. 225) e, assim, proteger as habitações de qualquer influência maléfica.

Esta tradição de proteger a entrada da casa contra as influências nefastas, sobretudo o umbral da porta, tem em Roma uma tradição arcaica, muito provavelmente de origem etrusca (Bayet, 1984, p. 73).

As oferendas poderiam ainda contribuir para honrar e apaziguar o *genius*, que, como princípio de fecundidade genética, assegurava através do indivíduo a que estava vinculado, a perpetuação das gerações (Bayet, 1984, p. 76).

Se bem que apenas uma das oferendas de cerâmica recentemente encontradas contivesse restos faunísticos de um galináceo, com funções claramente apotropaicas, podemos, no entanto, admitir que as cerâmicas enterradas da zona recentemente escavada contivessem apenas terra, que funcionava como uma referência ao *mundus*.

As tuas "tacinhas" ou malgas encontradas na zona designada pela equipa luso-americana como "templo proto-romano" poderiam tratar-se, também elas, de depósitos votivos fundacionais, até porque embora apenas uma contivesse ossos de ave, ambas se encontravam invertidas e com o fundo partido, situação que aliás é comum a outras deposições, onde foram utilizados vasos usados ou mesmo parcialmente fragmentados (Ruiz de Arbuló, 1991, p. 212).

## Agradecimentos

A José Carlos Quaresma, autor de todos os desenhos.

## NOTAS

### \* À Mariana, para que os *Lares* a protejam

<sup>1</sup> As *insulae* de *Bracara Augusta* têm uma modulação quadrada, medindo aproximadamente 130 pés (44,33 m) com uma área construída de 1 *acra* - aprox. 120 pés - 35 m - (Alarcão et al., 1994, p. 74). Um outro módulo havia sido apontado por Vasco Mantas (75x80 m), através da análise estereoscópica de fotografias da cidade de Braga, que seriam provavelmente subdivididos. As *insulae* de Beja têm aproximadamente 40x80 m, medidos entre os eixos das ruas, e o módulo das de Évora deverá ter sido o mesmo (Alarcão, 1990, p. 462 e 1992, p.80). Vasco Mantas havia proposto um valor de 2 *acra* - aproximadamente 70 m (Mantas, 1987, p. 42). Para as *insulae* de Beja propõe, por tanto, uma média de 35x75 m (Mantas, 1990, p. 86). As de Conimbriga têm 25 m, parecendo adaptar-se aos quarteirões *ito oppidum* pré-latino, tal como todo o urbanismo da cidade romana, que "parece um compromisso entre um traçado pré-romano e um alinhamento novo definido pelo *forum*

de Augusto" (Alarcão, 1992, p. 90). As *insulae* de *Tongobriga* parecem formar um quadrado com cerca de 34 m de lado (Dias, 1997, p. 78). As de *Condeus* têm 35 m entre os *cardines* e as de Itálica variam consoante a separação entre as ruas situando-se entre 115,70 x 57,20 m, 113,90 x 39,10 m e 114,50 x 75,20 m (Luzón Nogué, 1982, p. 85). A *Ampónias* latina tinha *insulae* de 1x2 *acrae* (35x70 m), ocupando o *forum* o espaço de 4 *insulae* (Ruiz de Arbuló, 1992, p. 27).

<sup>2</sup> A escavação teve a direcção da signatária com a coordenação no campo dos seguintes arqueólogos: Emilio Ambrona de Tejada, Jorge Vilhena, José Carlos Quaresma e Teresa Ricou da Ponte.

<sup>3</sup> Formas similares a estas peças, se bem que não se possam considerar exactamente paralelos, podem encontrar-se em Nelen, 1985, Est. XXVIII, 226 ou Est. XXIX, 249).

## BIBLIOGRAFIA

- ADAM, J.-P. (1989) - *La construction romaine*. Paris: Picard.
- ALARCÃO, J. de (1975) - *Fundales de Conimbriga. V. La Cerámica Común, Local et Régionale*. Paris: De Boccard.
- ALARCÃO, J. de (1990) - O domínio romano. In *Nova História de Portugal*. Lisboa: Presença.
- ALARCÃO, J. de (1992) - A cidade romana em Portugal: renovação urbana em Portugal na época romana. In *As Cidades e a História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 73-127.
- ALARCÃO, J. de [et al.] (1994) - Dezasseis anos de arqueologia em Braga: problemática da reconstrução de uma cidade romana. In *Actas do Encontro de Arqueologia Urbana (Bracara Augusta)*. Braga: Câmara Municipal, p. 71-81.

- ALMEIDA, F. de (1964) - *Restos de Miróbriga dos Célticos (Santiago do Cacém)*. Setúbal: Junta Distrital.
- ARTHUR, M. de L. C. (1983) - Meróbriga. Santiago do Cacém. *Caesariavagusta*. Zaragoza. 57-58, p. 51-109.
- BAYET, J. (1984) - *La religion romaine. Histoire politique et psychologique*. Madrid: Cristiandad.
- BARATA, F. (1999) - Trabalhos arqueológicos na ponte romana de Miróbriga. *Vipasca*. Aljustrel. 8, p. 67-72.
- BARATA, F. (1999) - Balanço dos últimos trabalhos de investigação e de valorização de Miróbriga. *Vipasca*. Aljustrel. 8, p. 33-52.
- BIERS, J.; DARLING, J., MIKSICEK, Ch., SLANE, K. e SOREN, D., (1984), Mirobriga: A Portuguese-American Project in Southern Portugal, *Muse*, Missouri-Columbia, 18.
- CAEIRO, J. O., (1985) - Miróbriga - 1982. Santiago do Cacém. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 5, p. 128-129.
- CASAS, J.; RUIZ DE ARBULO, J. (1997) - Ritos domésticos y cultos funerarios: ofrendas de huevos y gallináceas en villas romanas del territorio emporitano (s. III d.C.). *Pyrenae*. Barcelona. 28, p. 211-227.
- DIAS, L. T. (1997) - *Tombobriga*. Lisboa: IPPAR.
- DIAS, L. F. [et al.] (1981) - *A necrópole de Santo André*. Coimbra: Universidade.
- LUZÓN NOGUÉ, J. M.<sup>a</sup> (1982) - Consideraciones sobre la urbanística de la ciudad nueva de Itálica. In *Itálica: Actas de las Primeras Jornadas sobre Excavaciones Arqueológicas en Itálica*. Madrid: Ministerio de Cultura, p. 77-95.
- MAIA, M. G.; MAIA, M. (1997) - *Lucernas de Santa Bárbara*. Castro Verde: Coraçol.
- MANTAS, V. G. (1987) - As primitivas formas de povoamento urbano em Portugal. In *Povos e Culturas*. Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica, p.13-55.
- MANTAS, V. G. (1990) - Teledeteção e urbanismo romano: o caso de Beja. *Geociências*. Aveiro. 5:1, p. 75-88.
- NAVEIRO LÓPEZ, J.; PÉREZ LOSADA, F. (1997) - Verín antigo: escavação arqueológica na rua Maior. *Minus*. Ourense. 6, p. 9-28.
- RUIZ DE ARBULO BAYONA, J. (1992) - El templo del foro de Ampurias y la evolución de los foros republicanos. *Cuadernos de Arquitectura Romana*. Murcia. 1, p. 11-37.
- SCHEID, J. (1991) - O sacerdote. In *O Homem Romano*. Lisboa: Presença.
- SOREN, D. (1982) - The forum area. *Muse*. 16, p. 36-42.
- SOREN, D. (1983) - The Castelo Velho. *Muse*. 17, p. 54-62.